

Música
19 Fevereiro 2011
Ciclo Concertos no Palco

Luísa Tender e Jill Lawson

Duo de pianos

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Piano Luísa Tender

Piano Jill Lawson

Piotr Tchaikovsky (1840-1893)

O Quebra-Nozes, excertos, transcrição para dois pianos de Nicolas Economou

Maurice Ravel (1875-1937)

La Valse, transcrição do compositor

(intervalo)

Fernando Lapa (1950)

Storyboard - seis miniaturas para piano a 4 mãos

Véspera do Verão

As pombas no telhado

Aparição

Silêncio branco

Um fósforo na madrugada

O milagre das rosas

Sergei Rachmaninov (1873-1943)

Suíte nº 2, op. 17

Introdução (*Alla marcia*)

Valsa (*Presto*)

Romance (*Andantino*)

Tarantela (*Presto*)

Piotr Tchaikovsky (1840-1893)

O Quebra-Nozes

Piotr Tchaikovsky nasceu em 1840, na pequena cidade de Votkinsk. Estudou música no Conservatório de São Petersburgo, onde tomou contacto com figuras importantes do meio musical russo e com o grande repertório sinfónico europeu. Foi convidado por Nikolai Rubinstein a leccionar composição e teoria da música no Conservatório de Moscovo, abrindo-lhe as portas a um mundo musical mais cosmopolita.

Em 1877 casou com uma das suas alunas, um episódio com consequências traumáticas que quase resultaram num colapso mental e que o conduziu ao divórcio nove meses depois. Foi neste período que se iniciou o patronato de Nadezhda von Meck, uma viúva com grandes posses, que permitiu a Tchaikovsky abandonar o ensino para se dedicar exclusivamente à composição. Embora nunca se tenham falado pessoalmente, trocaram abundantemente correspondência e a quarta sinfonia é-lhe dedicada.

Durante a década de 80 viajou pela Europa, despontando a sua carreira como maestro, em parte graças ao apoio de Rubinstein. No entanto os meios vienense e parisiense continuavam bastante hostis. Os períodos entre viagens seriam passados na sua quinta, onde se dedicava essencialmente à composição. No início da década de 90 compôs importantes obras do seu repertório, como a ópera *A Rainha de Espadas*. A estabilidade de que parecia gozar foi subitamente interrompida pelo término do patronato de von Meck, facto que o terá afectado profundamente

ao nível emocional. Mas a sua carreira como compositor continuava em plena expansão, marcada pelo sucesso da sua visita aos Estados Unidos da América em 1891 e pelo grande momento em que assistiu, em Hamburgo, à sua ópera *Eugene Onegin* sob direcção de Gustav Mahler. Foi neste período que se dedicou à composição da música para o bailado *O Quebra-Nozes* e da sua Sinfonia nº 6. Tchaikovsky compôs um total de três obras para bailado: *O Lago dos Cisnes*, nos anos 70, *A Bela Adormecida* no final dos anos 80 e *O Quebra-Nozes* no início da década de 90.

Este último encontra-se dividido em dois actos e três cenas, originalmente coreografado por Ivanov. O libreto, escrito por Pepita, é baseado na obra original de Hoffmann intitulada *O Quebra-Nozes e o Rei dos Ratos*. A história centra-se numa rapariga alemã que sonha com um príncipe quebra-nozes e uma vigorosa batalha contra o Rei dos Ratos com sete cabeças. A estreia da obra teve lugar em São Petersburgo num programa que incluía também a ópera *Yolanta*.

Ao longo da história das apresentações públicas deste bailado registam-se diferentes arranjos para grupos camerísticos e para instrumentos solo, como o caso do piano. Destaca-se o arranjo para dois pianos elaborado já na segunda metade do século XX por Nicolas Economou, pianista e compositor cipriota, tendo sido amplamente aclamado pela crítica por manter o ambiente original sem perder a coloração conseguida pela orquestra.

Sáb 19 de Fevereiro · 18h00

Palco do Grande Auditório · Duração aprox. 1h15 com intervalo · M12

Maurice Ravel (1875-1937)

La Valse

Maurice Ravel nasceu em Ciboure, no ano de 1875. Desde tenra idade revelou o seu talento para a música, dedicando-se ao estudo do piano com sete anos. Em 1889 ingressou no Conservatório de Paris onde estudou com Charles de Bériot e Gabriel Fauré, entre outros. O período de formação na instituição de ensino parisiense teve um duplo impacto na sua carreira, abrindo as portas a um meio artístico e intelectual em grande expansão e desenvolvendo vários aspectos das suas técnicas de composição, em particular da orquestração, na qual se revelaria um mestre. Nos anos seguintes, Ravel candidatou-se por diversas vezes ao prestigiado Prix de Rome sem nunca ter conseguido vencer. A sua ruptura com o conservatório aconteceria em 1905 na sequência do resultado do supracitado prémio. Apesar de Ravel ser o favorito, o prémio foi entregue a Victor Gallois.

A intensa produção musical, verificada no seu catálogo por obras como *L'heure espagnole*, *Daphnis et Chloé*, Quarteto de Cordas em Fá e *Gaspard de la Nuit*, seria interrompida pelo início do conflito mundial em 1914.

Após ter sido integrado no exército em 1915, depois de uma tentativa falhada de ingressar na força aérea, Ravel foi destacado como motorista. O contexto militar exigente da I Guerra Mundial, adensado pelos seus problemas de saúde e pela morte da mãe em 1917, forçaram a saída do exército. Depois de um breve repouso em casa de amigos, o compositor retomou uma intensa produção a partir de 1919. Foi neste período que regressou à composição e desenvol-

veu algumas das mais importantes obras para piano, como por exemplo a *suíte* para piano *Le Tombeau de Couperin*, em seis andamentos e a *La Valse*.

La Valse de Ravel começou a ser idealizada, em forma de esboço, no ano de 1906. Partindo de várias ideias musicais anotadas anteriormente, Ravel iniciou em 1919 a composição da obra que viria a ter várias configurações instrumentais: para piano, para dois pianos e para orquestra. A inspiração central pode ser encontrada na admiração que nutria por uma figura de referência naquele género coreográfico, Johann Strauss. Nas palavras de Ravel, a obra simplesmente intitulada *La Valse* deveria constituir quase uma apoteose da valsa inspirada pelo compositor vienense.

Ravel vislumbrava diversas possibilidades para a sua *La Valse*. Ainda em 1920, pouco antes da estreia, apresentou a obra a Serge Diaghilev, empresário dos *Ballets Russes*, num recital privado em casa da pintora Misia Sert. Entre os poucos convidados encontravam-se nomes como Stravinsky e Poulenc. O efeito não foi o desejado pelo compositor que, apesar de não ter conseguido o seu objectivo, prosseguiu com o trabalho. A estreia pública teve lugar em Viena a 23 de Outubro de 1920 na sua versão para dois pianos, contando com a interpretação de Maurice Ravel e de Alfredo Casella.

Fernando Lapa (1950)

Storyboard

Fernando Lapa nasceu em Vila Real, em 1950, e desenvolve a sua actividade na área da composição, docência e regência de coros. O contacto institucional com a música teve lugar em 1961, no seminário da sua terra natal, fixando-se depois, entre 1977 e 1984 no Porto. Ali, estudou no Conservatório de Música com nomes sonantes do panorama musical português, como Cândido Lima e Maria Teresa de Macedo, iniciando paralelamente a sua actividade como docente de formação musical. A partir de 1984 assumiu a disciplina de análise e técnicas de composição no Conservatório de Música do Porto e, posteriormente, na Artave e na ESMAE. Participou em vários júris de concursos na área da composição e do instrumento como, por exemplo, Prémio de Composição Claudio Carneiro ou o Concurso Internacional de Piano Vianna da Motta. Escreve desde 1994 para o jornal *Público* como colaborador na área da crítica musical, actividade que tinha já começado quando era responsável pela secção de música da revista de artes *Ideias Fixas*.

Afirmando-se como um compositor incontornável da actualidade, o seu percurso revela um grande ecletismo pela diversidade de géneros musicais a que se dedicou, incluindo a música para cinema e teatro. O seu catálogo de repertório abarca música para orquestra, coral-sinfónica, voz solista e orquestra, ópera, música de câmara e solista, música para crianças, harmonizações de melodias populares, e a música vocal e coral. No percurso biográfico do compo-

sitor a dimensão associada às duas últimas categorias mencionadas foi sempre relevante, tendo integrado o Coro da Sé do Porto e dirigido, entre outros, o Coro Universitário da Sé de Braga.

Algumas das suas obras têm sido apresentadas nos principais festivais de música contemporânea portuguesa e em vários países estrangeiros.

A obra apresentada neste recital, *Storyboard* (2003), foi composta para piano a quatro mãos. Trata-se de seis miniaturas com um conteúdo programático muito especial, pois têm por objectivo retratar ambientes distintos sem se fixar numa narrativa específica. Os quadros sonoros exploram diferentes possibilidades expressivas do piano e focam a sua atenção em imagens preenchidas pela música de Fernando Lapa. Os títulos atribuídos a cada miniatura invocam diferentes imagens e paisagens sonoras de maior ou menor simplicidade, como se se tratasse de ideias afixadas e anotadas num *storyboard*.

Sergei Rachmaninov (1873-1943)

Suite nº 2, op. 17

Sergei Rachmaninov é considerado um dos mais importantes pianistas e compositores russos da sua geração. Ingressou no Conservatório de São Petersburgo em 1882, mudando-se para Moscovo pouco tempo depois para estudar piano com Nikolay Zverev. Ainda em Moscovo interessou-se pela composição e por várias disciplinas teóricas, iniciando algumas obras de juventude como o *Prelúdio* em Dó sust. menor e a ópera *Aleko*, que mereceu de Tchaikovsky uma boa crítica. A carreira do jovem Rachmaninov encontrava-se em expansão até ao momento da estreia da Sinfonia nº 1 em 1897. As críticas negativas conduziram-no a uma depressão e a um período de menor produção musical. As dúvidas quanto à sua capacidade como compositor foram ultrapassadas com a ajuda da hipnoterapia realizada por Nikolay Dahl. Os tratamentos pareciam resultar e, por volta de 1900-01, Rachmaninov dedicava o seu tempo ao Concerto nº 2 para piano e orquestra, uma das suas obras mais populares, devolvendo-lhe assim a confiança necessária. Foi neste período, coevamente à composição do Concerto nº 2, que Rachmaninov escreveu a *Suite* nº 2 op. 17 para dois pianos, enquanto se encontrava em Itália. Foi estreada em 1901 pelo compositor e pelo seu primo Alexander Siloti. Se na *Suite* nº 1 encontramos ao nível dos títulos dos andamentos referências programáticas, ou seja, de conteúdo extramusical, nesta segunda incursão pelo género, Rachmaninov optou por uma divisão em quatro andamentos mais próximos da génese da noção de *suite*.

O primeiro andamento, uma introdução *Alla marcia*, inicia de forma enérgica com os dois pianos a realizarem acordes em *fortissimo*. O carácter de inspiração marcial é o predominante ao longo deste primeiro número. A *Valse*, em *presto*, abre com um motivo mais inquietante e encaminha-se para uma secção mais intensa melódica e harmonicamente. A *Romance* assume um carácter mais lírico, com uma melodia do primeiro piano, em *andantino*, acompanhada pelo segundo piano, atingindo momentos de grande profundidade emocional, com a utilização de rendilhados que se misturam com uma linha melódica. A *Tarantelle* em *presto* procura manter algumas das características da dança italiana, nomeadamente através dos motivos melódicos mais curtos e da alternância entre eles.

Pedro Russo Moreira

Luísa Tender

Luísa Tender nasceu no Porto, em 1977, e desde cedo começou a ter aulas particulares de piano com Anne Marie Mennet. Mais tarde reencontrou a professora no Conservatório de Música do Porto, antes de ingressar na Escola Superior de Música das Artes do Espectáculo. Foi ainda aluna de Pedro Burmester e concluiu o curso com a classificação máxima. Para Luísa Tender, o piano é como “um familiar querido. Faz parte da minha vida de tal maneira que, se passo uns dias sem tocar, começo a sentir que me falta alguma coisa”, explica a pianista.

No final do curso, em 1997, viajou para os Estados Unidos onde estudou com Vitalij Margulis, em Los Angeles, tendo-lhe sido atribuída uma bolsa de estudo da Universidade da Califórnia. Voltou à Europa em 2000, onde esteve dois anos no Royal College of Music, em Londres. Foi aluna de Irina Zariskaya e obteve o grau de Master of Music em Performance Studies – recitalista de solo. A sua aposta numa formação internacional e variada prende-se, sobretudo, com a vontade de atingir um nível de competências muito elevado. “Uma formação diversificada e o contacto com grandes mestres é o caminho mais seguro para se aprender, realmente, a tocar bem. E o contacto com meios diferentes permite-nos também ter uma noção clara sobre o que se faz pelo mundo fora”, afirma Luísa Tender.

Mais tarde, sob a orientação do compositor e musicólogo Timothy Salter, realizou um estudo aprofundado sobre o uso do paradigma da fuga de Bach pelos compositores dos séculos XIX

e XX. Em 2002 e 2003 recebeu ainda aulas de piano de Artur Pizarro em Brighton, no Reino Unido, e em 2004 obteve, após concurso eliminatório da execução instrumental, o Diplôme Supérieur d’Exécution da École Normale de Musique de Paris, onde foi aluna de Marian Ribycki. Actualmente a leccionar em regime de exclusividade na Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco, Luísa Tender continua em permanente formação e foi aceite como participante activa na International Orpheus Academy for Music and Theory, que se realizou no Instituto Orpheus, em Ghent, na Bélgica, em Março de 2008.

Tem-se apresentado a solo e em música de câmara em Portugal, Espanha, Reino Unido, Holanda, Itália, Chipre e Brasil.

O seu primeiro CD, *Bach and Forward* (2009), recebeu o aplauso da crítica em Portugal e no Reino Unido.

www.luisatender.com

Jill Lawson

Jill Lawson, pianista de nacionalidade luso-americana, nasceu no México em 1974. Aos oito anos, iniciou os seus estudos de piano na Academia de Música de Antuérpia. Diplomou-se em 1995 com *Magna cum Laude* em Piano e Música da Câmara no Conservatório Real de Antuérpia, na classe de Levente Kende.

Em 1992, foi aceite na prestigiosa escola Chapelle Musicale Reine Elisabeth em Waterloo (Bruxelas). Após três anos, foi premiada com “grande distinção”.

Jill continuou os seus estudos com Jan Wijn no Conservatório em

Amesterdão e com Leon Fleisher e Ellen Mack no Peabody Institute em Baltimore, onde, no ano de 2004, obteve o Mestrado de Música em Piano e em Música de Câmara. Fez vários cursos de aperfeiçoamento com Maria Tipo, Sequeira Costa, Vladimir Viardo, Dimitri Bashkurov e Maria João Pires. Colaborou no filme documentário, que se realizou durante um *workshop* sobre Belgais, em 2001, com Maria João Pires.

Jill foi distinguida com prémios em competições nacionais e internacionais nomeadamente: o 2º prémio no Concurso Internacional Vianna da Motta (1997), finalista na Classical Fellowship Awards na American Pianists Association (2003), o 4º prémio no Concurso Internacional Schubert (Dortmund, 2001), finalista no Concurso Internacional de Piano (Andorra, 2001), o 1º prémio no Concurso Cidade de Covilhã (2001), o 2º prémio no Concurso de Interpretação (Estoril, 2001), *laureato* do Concurso Tenuto (Bruxelas, 1995).

Tocou recitais a solo e, como solista, com numerosas orquestras na Europa e nos EUA, como a Orquestra Nacional da Bélgica, a Philharmonica da Flandria, Philharmonisches Orchester Dortmund, Klassische Philharmonie Telekom Bonn, Radio Kamerorkest, Brabants Orkest, Orquestra Sinfónica Juvenil de Lisboa, The Middle Tennessee Symphony, The Quad Symphony Orchestra, The Indianapolis Chamber Orchestra, Shanghai Symphony, sob a direcção, entre outros, de Rudolph Werthen, Jean-François Monnard, Alexander Rahbari, David Agnus, Heribert Beissel, Jan Stulen, Lucas Vis, Christopher Bochman, James Dixon. Tem uma actividade intensa no domínio da

música de câmara e tocou com David Cohen, Min Jung Kang, Maria Luisa de Freitas Branco, Valerie Vervoort e Augustin Dumay, entre outros. Forma o Lawson Duo com o seu irmão Eliot Lawson. Gravou os *Estudos Sinfónicos* Opus 13 de Schumann para a Fundação Internacional de Vianna da Motta.

Jill trabalha frequentemente com cantores (Op – Companhia Portuguesa de Ópera, correpetição em óperas na Gulbenkian, CAMJAP 2008; assistente de Ana Ester Neves na ESART – Castelo Branco; tocou na versão encenada do *Diário de um Desaparecido* de Janacék em 2008 na CAM). Também colabora frequentemente com a Academia Nacional Superior de Orquestra da Metropolitana. É docente na Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

www.jilllawson.com

Portrait Steve Reich I Remix Ensemble Casa da Música

Música Seg 21 Fevereiro

Grande Auditório · 21h30

Duração: 1h15 com intervalo · M12



Direção musical Bradley Lubman

Violoncelo Filipe Quaresma

Charles Wuorinen (1938)

*Concerto de câmara para violoncelo
e 10 instrumentos*

Steve Reich (1936) *City Lyfe*

John Adams (1947) *Sinfonia de câmara*

O Remix Ensemble Casa da Música é o agrupamento de música contemporânea da Casa da Música. Desde a sua formação, em 2000, já apresentou em estreia absoluta mais de 60 obras de compositores afamados, nacionais e estrangeiros. O ecletismo do seu repertório estende-se em incursões pela música cénica, acompanhamento de filmes, dança e jazz. Tendo sido dirigido por grandes maestros, já se apresentou, para além das salas principais do nosso país, em numerosas cidades europeias. Distinguido regularmente pela crítica nacional e internacional, editou sete discos. O seu maestro titular é Peter Rundell.

O programa desta noite, uma homenagem a Steve Reich, integra exclusivamente peças de autores norte-americanos. Inicia-se com uma obra de juventude de Charles Wuorinen, que o *New York Times* descreveu como o compositor que “fez a música dodecafónica cantar”. Figura cimeira do mundo musical dos EUA, foi o mais jovem compositor a ganhar o Pulitzer Prize de música. A sua escrita marca um efectivo contraste com a do minimalista Steve Reich, compositor da mesma geração mas que encontra nos seus conhecidos padrões repetitivos um meio de expressão para criar obras de efeito hipnótico. O mais ilustre seguidor da corrente minimalista criada por Reich é John Adams, um dos mais conhecidos e profícuos compositores da actualidade e cujos ritmos e acentuações extremamente dinâmicas dão um colorido muito característico à sua música, como acontece na *Sinfonia de Câmara*.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado
Gonella

Administradores

Miguel Lobo Antunes
Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
Pietra Fraga

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes
Produção
Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira
Culturgest Porto
Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira
Rita Duarte estagiária

Publicações

Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez
Clara Troni
Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro
Paulo Silva
Teresa Figueiredo

Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino
coordenador
Paulo Abrantes
chefe de áudio
Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe
Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira
Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho
Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes
Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real
Inês Costa Dias
Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1
Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
